



RELAÇÕES DE GÊNERO E A PARTICIPAÇÃO DAS ENGENHEIRAS NA DOCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – CAMPUS JOINVILLE

Luisa Pereira Manske – lpmanske@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina, Departamento de Engenharia Civil
Campus Universitário Prof. Avelino Marcante - Rua Paulo Malschitzki, 200, Zona Industrial
Norte
89219-710 – Joinville - Santa Catarina

Myrrena Inácio – myrrena@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina, Departamento de Engenharia Civil
Campus Universitário Prof. Avelino Marcante - Rua Paulo Malschitzki, 200, Zona Industrial
Norte
89219-710 – Joinville - Santa Catarina

***Resumo:** As complexidades das relações de divisão sexual do trabalho dentro da engenharia envolvem também a docência, pois enquanto em outras áreas do magistério a presença feminina na docência é majoritária, a prática da docência em engenharia é predominantemente masculina. Apesar do aumento da participação feminina na docência das engenharias nas últimas décadas, pode-se observar diferentes distribuições de gênero nas modalidades de engenharia. Compreende-se a participação feminina na docência em engenharia como de extrema importância para uma maior equidade de gênero na área. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo investigar a distribuição de gênero nos departamentos de Engenharia Civil, Elétrica, Mecânica e de Produção e Sistemas do Centro de Ciências Tecnológicas da Universidade do Estado de Santa Catarina - Campus Joinville. As informações foram coletadas a partir do site dos respectivos departamentos e do currículo Lattes dos docentes e organizadas de forma gráfica por meio do software yEd Graph Editor. Como resultados, encontraram-se números semelhantes a outros estudos na área, nos quais a porcentagem de docentes engenheiros corresponde a 80% do total, sendo que as engenharias Elétrica e Mecânica apresentam a menor participação feminina. Apesar de ainda baixos, estes números apontam para um aumento gradativo do número de engenheiras docentes na universidade. Dessa forma, busca-se incentivar a investigação de forma qualitativa em termos de relações de gênero nestes departamentos, bem como a produção de iniciativas que promovam a equidade de gênero.*

***Palavras-chave:** Relações de gênero, Docência, Engenharias, Participação feminina.*

1. INTRODUÇÃO

As mulheres brasileiras começaram a se graduar em engenharia somente a partir do início do século XX, mas na década de 70 é que se recebeu um grande aumento do número de mulheres interessadas nos cursos tecnológicos nas universidades em todo o Brasil. Já nas

Organização



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Promoção





décadas seguintes, de 80 e 90, houve um aumento do interesse dessas mulheres no mestrado e doutorado para a formação na docência (CABRAL, 2006; 2010). Os anos 90, no entanto, foram marcados pela forte crise econômica no país, momento no qual o declínio salarial se fez presente na engenharia. Todavia, esse cenário de instabilidade econômica pode ter causado um aumento na procura pela carreira acadêmica pelos profissionais recém-formados (LOMBARDI, 2011).

Ocorre que ao contrário da educação básica, a educação superior, que tem em si um prestígio maior atrelado, não é um espaço com maior presença feminina, apesar de ser uma atividade de educação (BACKES *et al.*, 2016). Nas engenharias, essa inversão é ainda mais acentuada, com uma alta presença masculina também na docência, demonstrando o quão complexas são as relações de divisão sexual do trabalho dentro da engenharia (SALVADOR, 2010).

Nas engenharias, a docência é fundamentada em concepções diferentes das existentes na feminização do magistério, pois enquanto em outras áreas do magistério a presença feminina na docência é majoritária, na docência em engenharia, a maior presença é masculina (SALVADOR & CARVALHO, 2010). Todavia, o simples aumento da participação das mulheres nas universidades não assegura condições justas de crescimento profissional (TEIXEIRA & FREITAS, 2014).

Diante desse contexto, as relações de gênero, estruturadas a partir dessa divisão sexual do trabalho, são um dos mecanismos que têm sido usados para determinar condições desiguais entre homens e mulheres (DUARTE, 2009).

Entende-se que o número de mulheres nos departamentos, tanto professoras quanto alunas, exerce influência nas relações ali criadas. Em outras palavras, um ambiente de estudo e trabalho com poucas mulheres tende a contribuir pouco para o crescimento dessas, enquanto um ambiente com mais mulheres tende a proporcionar maior equidade (CABRAL, 2010).

Por essas razões, este artigo tem como objetivo investigar a distribuição de gênero entre engenheiros e engenheiras docentes nos departamentos de Engenharia Civil, Elétrica, Mecânica e de Produção e Sistemas do Centro de Ciências Tecnológicas – CCT da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Campus Joinville. Com isto, busca-se analisar a situação do referido campus no que diz respeito às relações de gênero e a participação das engenheiras na docência, considerando a atividade docente como uma oportunidade de carreira.

2. ENGENHEIRAS E ENGENHEIROS NA DOCÊNCIA

Os docentes das escolas de engenharia, de uma forma geral, são engenheiros (as) que não viam o magistério como primeira opção de carreira (SALVADOR, 2010). A possibilidade de ser professor está dentro das atribuições do engenheiro (a) e é uma opção dependendo de diversos fatores pessoais ou econômicos (LAUDARES, 2010)

Nesse contexto, apesar do contínuo crescimento da participação feminina nos cursos de engenharia em todo o país, a divisão sexual do trabalho também ocorre dentro das próprias engenharias. Áreas mais ligadas à produção industrial como a Engenharia Mecânica são mais limitadas em número de mulheres, enquanto áreas menos tradicionais, como a Engenharia de Alimentos, apresentam maior participação das mulheres (LOMBARDI, 2011).

Os cursos de engenharia com maior participação feminina são usualmente as Engenharias Química, de Alimentos e Biomédica. Os cursos de Engenharia Elétrica, Mecânica e Computação são os que normalmente apresentam a menor condição de igualdade, em alguns casos até com nenhuma mulher presente em seu corpo docente (CABRAL & OLIVEIRA, 2011). No mesmo sentido, Freitas (2013) identificou em sua pesquisa com dados de docentes de cursos de pós-graduação que a engenharia Química apresentou o maior número de

Organização



Promoção





docentes mulheres, seguida pela engenharia Civil, sendo a engenharia Elétrica o curso com menor participação feminina.

Por outro lado, Silva e Carvalho (2003) atentam para os perigos da análise numérica da participação educacional feminina, alegando que a igualdade em números não evidencia fatores de discriminação possivelmente existentes, uma vez que deve haver uma análise mais profunda dessa realidade, incluindo “as condições objetivas da vida das mulheres, o processo feminino de socialização, a construção de sua identidade, a manutenção de imagens e representações sociais do feminino e a segregação existente no mercado de trabalho” (SILVA & CARVALHO, 2003, p. 53).

A escolha pela docência e outros aspectos profissionais das engenheiras ainda é muito influenciada por fatores familiares que definem os papéis das mulheres dentro da sociedade (SALVADOR, 2010). Lombardi (2011) argumenta que a opção pela docência pelas engenheiras também se dá pelo fato de esta proporcionar uma maior flexibilidade de horários, considerada necessária para o cuidado da família e dos filhos.

Outro ponto observado por Cabral (2010) é de que as docentes conciliam papéis, sendo, além de docentes e profissionais de engenharia, também mães, esposas e mulheres. Esse processo, apesar de considerado difícil pelas docentes, é visto como necessário e como a única forma possível para seguirem a carreira que escolheram.

Assim, a participação feminina na docência envolve diversos fatores que, alinhados com as atribuições biológicas da divisão sexual do trabalho, trazem condições desfavoráveis às mulheres. Além da divisão em si e dos salários menores, pode-se citar a educação diferenciada recebida, as condições de ingresso, a precariedade das relações de trabalho e, principalmente, a sobrecarga associada à necessidade de a mulher, além de cumprir sua jornada de trabalho, também realizar os trabalhos domésticos e de cuidado dos filhos (STANCKI, 2003).

Entende-se que a presença cada vez maior de mulheres nas engenharias, seja como alunas, profissionais ou docentes, atua como fator de transformação e quebra de preconceitos, não só dos outros para com elas, mas consigo mesmas (SALVADOR, 2010). Afinal, o aumento do número de mulheres nesses ambientes produz exemplos de sucesso para as alunas e demonstra a importância da presença feminina para gerar uma autoconfiança nas futuras profissionais da área (TEIXEIRA & FREITAS, 2014).

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso que compreende a análise do corpo docente dos quatro cursos de Engenharia oferecidos no Centro de Ciências Tecnologia – CCT da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Campus Joinville/SC, quais sejam: Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Engenharia de Produção e Sistemas, o que permite mais amplo e detalhado conhecimento. No que tange aos objetivos, a pesquisa se classifica como descritiva e quanto à abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa quantitativa.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, este estudo caracteriza-se essencialmente como uma em pesquisa documental, porque é elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico. Também se constitui em pesquisa bibliográfica, pois foi elaborado a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados em meio eletrônico sobre as relações de gênero na docência em engenharias.

A pesquisa documental envolveu dados disponibilizados eletronicamente nas páginas dos departamentos dos quatro cursos de Engenharia da UDESC – Joinville, relacionados à



apresentação e caracterização dos cursos, bem como ao corpo docente. Ademais, esta etapa da pesquisa contemplou dados obtidos na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Primeiramente, consultou-se no site do CCT o corpo docente de cada um dos cursos de engenharia para o semestre de 2017/01 (UDESC, 2017a; 2017b; 2017c; 2017d). A partir desta consulta, pode-se coletar informações acerca dos nomes dos professores integrantes do corpo docente, sua titulação e o link de seu Currículo Lattes. Em um segundo momento, analisou-se os dados sobre o curso de graduação de cada professor na Plataforma Lattes do CNPq.

Foram selecionados para esta análise apenas docentes graduados (as) em alguma área da engenharia. Esta seleção foi independente da carga horária de trabalho destes profissionais, considerando desde professores substitutos de carga horária de 3 horas-atividades a professores efetivos de dedicação exclusiva de 40 horas semanais.

Salienta-se que os (as) docentes cujas informações sobre o curso de graduação não puderam ser encontradas na Plataforma Lattes e/ou nas informações sobre o corpo docente disponibilizadas no site institucional da UDESC – Joinville, foram excluídos (as) da análise, o que totalizou um número de 23 docentes.

As informações coletadas foram apresentadas de forma gráfica para a análise por meio do uso do software yEd Graph Editor (yED GRAPH EDITOR, 2017). Para a elaboração das redes relacionadas aos departamentos dos cursos em análise, cada curso recebeu uma cor específica, sendo o gênero do docente diferenciado através da tonalidade desta cor como mostra o Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Legenda utilizada no mapeamento das informações no software yEd Graph Editor.

Símbolo	Significado
	Docente masculino de Eng. Civil
	Docente feminino de Eng. Civil
	Docente masculino de Eng. Elétrica
	Docente feminino de Eng. Elétrica
	Docente masculino de Eng. Mecânica
	Docente feminino de Eng. Mecânica
	Docente masculino de Eng. de Produção e Sistemas
	Docente feminino de Eng. de Produção e Sistemas

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Ressalta-se que esta pesquisa considerou a participação de docentes engenheiros e engenheiras por entender que “não há construção de gênero sem a presença do ‘outro’, ou seja, é no contraste, é na relação com ‘o outro’ que o sujeito se afirma homem ou mulher culturalmente” (BITENCOURT, 2006, p. 34).

4. ANÁLISE E RESULTADOS

O número total de engenheiros docentes de cada curso de engenharia do CCT pode ser observado na Tabela 1. Este número total inclui professores formados a nível de graduação em outras áreas do conhecimento além da engenharia, como Arquitetura e Urbanismo e

Organização



Promoção





Administração. Também na Tabela 1, pode-se identificar o número de docentes engenheiros (as) de cada um destes cursos.

Tabela 1 – Número total de docentes e docentes engenheiros (as) das engenharias do CCT.

Curso	Número total de docentes	Número de docentes engenheiros (as)
Eng. Civil	42	34
Eng. Elétrica	37	34
Eng. Mecânica	34	30
Eng. de Produção e Sistemas	18	10
Total	131	108

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Já a Tabela 2 a seguir especifica as modalidades de engenharia das quais os docentes engenheiros de cada curso fazem parte.

Tabela 2 – Número de docentes engenheiros (as) por modalidade de engenharia por curso.

Modalidades de engenharia	Engenharias do CCT			
	Civil	Elétrica	Mecânica	Produção e Sistemas
Ambiental	1	-	-	1
Civil	32	-	-	2
Controle e Automação	-	1	1	-
Elétrica	-	29	-	-
Elétrica modalidade Eletrônica	-	1	-	-
Industrial	-	-	-	1
Industrial Elétrica	-	2	-	-
Industrial Mecânica	-	-	2	-
Industrial Eletrônica e Telecomunicações	-	1	-	-
Materiais	-	-	1	-
Mecânica	-	-	25	1
Metalúrgica	-	-	1	-
Operação	-	-	-	1
Produção e Sistemas	-	-	-	2
Produção Agroindustrial	-	-	-	1
Química	-	-	-	1
Sanitária	1	-	-	-
Total	34	34	30	10

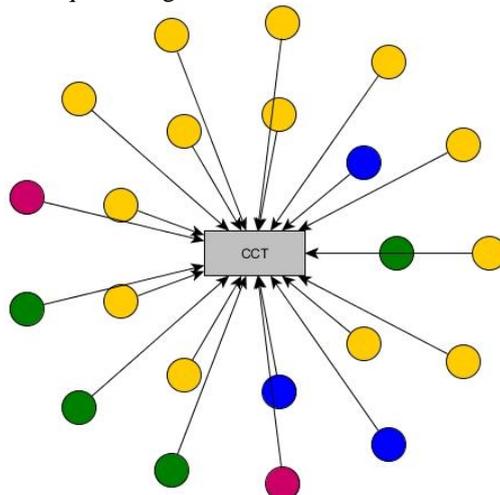
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Pode-se notar pela Tabela 2 a variação de modalidades de engenharia dentro dos corpos docentes de cada curso. Os cursos de engenharia Elétrica e Mecânica são compostos por docentes engenheiros de áreas majoritariamente industriais, enquanto os cursos de engenharia Civil e de Produção e Sistemas possuem docentes engenheiros de uma gama maior de áreas dentro da engenharia.

Com relação ao gênero, pode-se observar de forma gráfica através da Figura 1 e da Figura 2 como esta distribuição ocorre em todas as engenharias do centro.

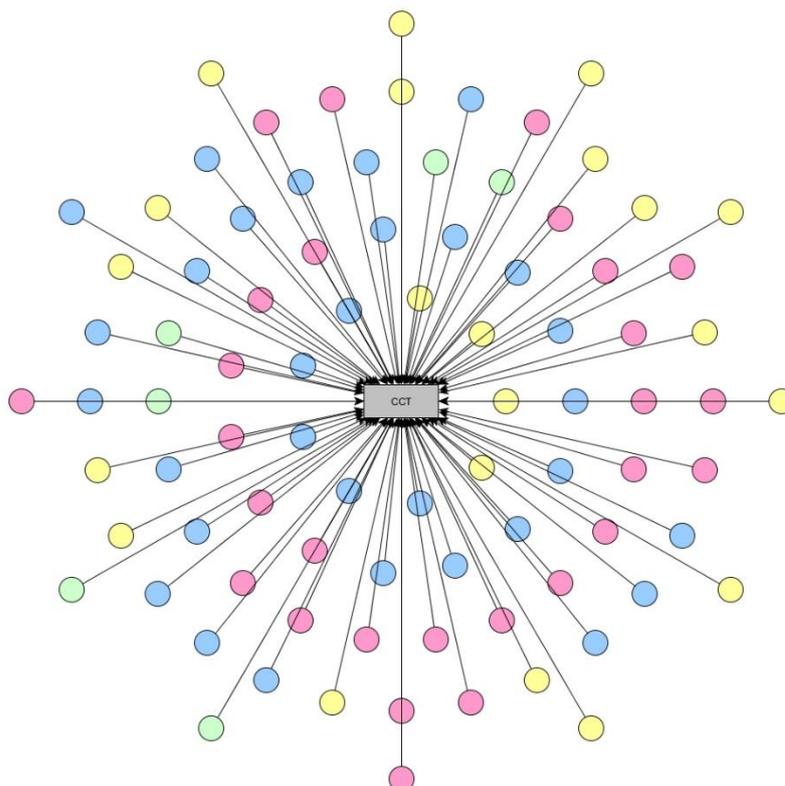


Figura 1 – Mapa de docentes engenheiras das quatro engenharias do CCT.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Figura 2 – Mapa de docentes engenheiros das quatro engenharias do CCT.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Na Figura 1, pode-se observar a predominância de docentes engenheiras no curso de engenharia Civil, com uma participação feminina de 38%, o que corresponde a 13 docentes engenheiras. Enquanto que a Figura 2 evidencia, de forma clara, a predominância de docentes engenheiros do sexo masculino nos cursos de engenharia do CCT. Apenas 16% dos docentes engenheiros dos quatro cursos de engenharia do CCT são mulheres.



De acordo com ambas as figuras, nenhum dos cursos de engenharia do CCT apresenta um número maior de mulheres docentes engenheiras do que homens docentes engenheiros em seus departamentos, confirmando os estudos referenciados sobre a predominância masculina nas escolas de engenharia em todo o país.

Como verificado também por Lombardi (2011), as engenharias mais relacionadas à produção industrial – no caso do CCT, as engenharias Elétrica e Mecânica -, apresentam um número consideravelmente baixo de docentes engenheiras mulheres, constituindo apenas nove e 7% do seu corpo docente, respectivamente. No estudo de caso desta pesquisa, o curso de Engenharia de Produção e Sistemas, apesar de também estar relacionado à indústria, foi o que apresentou a maior porcentagem de participação de docentes engenheiras, com 40%.

Essa porcentagem, no entanto, corresponde à apenas quatro docentes engenheiras, visto que o departamento de engenharia de Produção e Sistemas possui um corpo docente menor se comparado com as outras três engenharias do CCT. Este número não diverge tanto da situação observada nos cursos de Engenharia Elétrica e Mecânica da UDESC – Campus Joinville, com três e duas docentes engenheiras integrando seu corpo docente respectivamente.

Por fim, analisando o número total de docentes e o número de docentes engenheiros (as) apresentados na Tabela 1, pode-se observar um alto número de docentes graduados (as) em engenharia ministrando aulas nos departamentos das engenharias do campus da UDESC – Joinville, sendo que o curso de Engenharia de Produção e Sistemas foi o único que apresentou uma porcentagem de engenheiros (as) docentes menor que 80% do corpo docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da atual distribuição de gênero dos corpos docentes das engenharias Civil, Elétrica, Mecânica e de Produção e Sistemas do Centro de Ciências Tecnológicas da UDESC, Campus Joinville/SC, concluiu-se que os quatro cursos enfrentam a mesma situação observada em outros estudos, no que tange à maior participação masculina na docência em engenharias.

Foi verificada a menor participação feminina nas engenharias Elétrica e Mecânica, confirmando a tendência à divisão sexual do trabalho também dentro das engenharias na universidade.

A participação total de engenheiras docentes no CCT é de 20%, ou 22 docentes engenheiras entre o total de 108 engenheiros que ministram aulas nos cursos de engenharia da UDESC, Campus Joinville/SC.

Apesar de ainda baixos, estes números apontam para um aumento gradativo do número de engenheiras docentes na universidade. Neste aspecto, os cursos de engenharia Elétrica e Mecânica ainda se apresentam resistentes à entrada feminina em seu corpo docente, com uma baixa porcentagem de docentes engenheiras em seu corpo docente.

Em contrapartida, as engenharias Civil e de Produção e Sistemas demonstraram maior abertura à participação feminina, com o número de engenheiras docentes próximo ao de engenheiros docentes.

Todavia, defende-se que a equidade numérica entre os gêneros não necessariamente significa melhores condições e oportunidades às mulheres, sendo necessários estudos mais aprofundados, com uma abordagem qualitativa, para verificar as diferentes dimensões das relações de gênero dentro destes departamentos, tais como: motivos relacionados à escolha de determinada área da engenharia e da docência como oportunidade de carreira; principais dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho e na docência; situações de discriminação de gênero; conciliação da atividade docente e outra atividade profissional, incentivos e participação em eventos e capacitação na docência, entre outras.

Organização



Promoção





Foi observada também uma tendência destes engenheiros (as) em seguir a carreira docente, uma vez que mais de 80% do corpo docente é formado por engenheiros (as) docentes em três dos quatro departamentos de engenharia do CCT.

Por fim, entende-se que a análise quantitativa realizada neste estudo é de extrema importância para a compreensão da atual distribuição de gênero nos departamentos de engenharia da UDESC – Joinville. De forma complementar, busca-se incentivar a investigação de forma qualitativa em termos de relações de gênero nestes departamentos, bem como a produção de iniciativas que promovam a equidade de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKES, V. F.; THOMAZ, J. R.; SILVA, F. F. da. Mulheres docentes no Ensino Superior: Problematizando questões de gênero na Universidade Federal do Pampa. Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade, Inhumas, v. 9, n. 2, p.166-181, 2016. Disponível em: < <http://www.cadernosets.com.br/index.php/cadernosets/article/view/354>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

BITENCOURT, Silvana Maria; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Existe um outro lado do rio? Um diálogo entre a cultura da engenharia e relações de gênero no centro tecnológico da UFSC, 2006. 167p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política).

CABRAL, C. G. O conhecimento dialogicamente situado: consciência crítica de ciência, tecnologia e gênero. Anais: VII Seminário Fazendo Gênero. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Carla_Cabral_25.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2017.

CABRAL, C. G. Pioneiras na engenharia. Anais: VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. Curitiba: UTFPR, 2010. Disponível em: < http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E2_Pioneiras_na_Engenharia.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2017.

CABRAL, C. G.; OLIVEIRA, A. G. de. Igualdade de gênero em ciência e tecnologia como indicador para um desenvolvimento social. Anais: IV Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade. Curitiba: UTFPR, 2011. Disponível em: <http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt021-igualdade.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

DUARTE, Geovanna Passos; CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS. As relações de gênero no currículo de uma escola profissionalizante de Minas Gerais: estudo de caso dos cursos técnicos de mecânica e química, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica).

FREITAS, Bárbara Bezerra; CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO RIO DE JANEIRO. Diferenças de gênero na pesquisa e pós-graduação em engenharia no Brasil, 2013. 79p. Dissertação (Mestrado).

LAUDARES, J. B. A descoberta da docência por engenheiros-professores e suas

Organização



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Promoção





representações. Anais: 33ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT08-6188--Int.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

LOMBARDI, M. R. Carreiras de engenheiras em pesquisa científica e tecnológica: conquistas e desafios. Cadernos de Pesquisa, [s.l.], v. 41, n. 144, p.886-903, set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a13.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SALVADOR, Sileide France Turan; UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. Gênero na Engenharia: O corpo docente em Curitiba/PR, 2010. 143p. Dissertação (Mestrado). Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/189>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SALVADOR, S. F. T.; CARVALHO, M. G. de. Engenharia e docência: A problemática das relações de gênero. Anais: Fazendo Gênero – Diásporas, diversidades e deslocamentos, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278365376_ARQUIVO_ENGENHARIAEDOCENCIA-F-9-Copia.pdf. Acesso em: 18 mai. 2017.

STANCKI, N. Divisão sexual do trabalho: a sua constante reprodução. Anais: I Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia. São Paulo: PUC-SP, 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/eitt/downloads/eitt2003_nancistancki.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SILVA, N. S.; CARVALHO, M. G. de. A tecnologia e a divisão sexual do trabalho. Revista Educação & Tecnologia, Curitiba, v. 7, n. 7, p.45-71, 2003. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/2007/1418>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

TEIXEIRA, A. B. M.; FREITAS, M. de A. Mulheres na docência do Ensino Superior em cursos de Física. Ensino em Re- vista, Uberlândia, v. 21, n. 2, p.329-340, jul, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/28029/15436>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Corpo docente do Departamento de Engenharia Civil**. 2017a. Disponível em: <http://www.joinville.udesc.br/portal/departamentos/dec/corpo_docente.php>. Acesso em: 18 mai. 2017.

_____. **Corpo docente do Departamento de Engenharia Elétrica**. 2017b. Disponível em: <http://www.joinville.udesc.br/portal/departamentos/dee/corpo_docente.php>. Acesso em: 18 mai. 2017.

_____. **Corpo docente do Departamento de Engenharia Mecânica**. 2017c. Disponível em: <http://www.joinville.udesc.br/portal/departamentos/dem/corpo_docente.php>. Acesso em: 18 mai. 2017.

_____. **Corpo docente do Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas**. 2017d. Disponível em: <

Organização



Promoção





http://www.joinville.udesc.br/portal/departamentos/deps/corpo_docente.php>. Acesso em: 18 mai. 2017.

yED GRAPH EDITOR, version 3.17: diagram creation software. [s.l.]: yWorks, 2017.
Disponível em: <https://www.yworks.com/products/yed>. Acesso em: 18 mai. 2017.

GENDER RELATIONS AND FEMALE ENGINEERS PARTICIPATION IN TEACHING: A CASE STUDY AT SANTA CATARINA STATE UNIVERSITY – JOINVILLE CAMPUS

Abstract: *The complexities of sexual division of labour relations within the engineering involve also the teaching, because while in other education areas the female presence is a majority, the practice for the teaching in engineering is predominantly male. Despite the increase of the female participation at engineering schools on the last decades, different gender distributions on the engineering departments could be perceived. The female participation in engineering teaching is understood as highly important to a better gender equity on this field. Therefore, this research aims to investigate the gender distribution among professor at Civil, Electrical, Mechanical and Manufacturing Engineering departments of the Technological Sciences Center at Santa Catarina State University – Joinville Campus. The information was taken from the departments websites and from the Lattes curriculum of the professors and organized graphically in the software yEd Graph Editor. As results, similar numbers of other studies were found, where the percentage of male engineers teaching was 80%, with the Electrical and Mechanical Engineering with the lowest female participation. Despite still low, these results demonstrate an increase on the number of female engineers teaching at University. Considering these results, it is expected to incentive new qualitative investigations about gender relations at these engineering departments, as well as the production of initiatives that promote gender equity.*

Key-words: *Gender relations. Teaching. Engineering. Female participation*

Organização



Promoção

